



Impotência é a integração de limites

VERA FELICIDADE DE ALMEIDA CAMPOS

Antes de qualquer coisa, fixemos alguns referenciais, alguns contextos que nos permitam compreender, apreender as estruturas configuradoras imanentes à impotência.

A impotência é o denominador comum da história da humanidade. É a mola propulsora do desenvolvimento, do processo civilizatório, do processo tecnológico. O homem, diante de impossibilidades, sente-se impotente, sem condições de atuar, de solucionar os impasses existentes. Aceitando esse limite, essa realidade, sente-se impotente. Não aceitando as impossibilidades, acha que alguma coisa está errada, está faltando, fica desesperado, amedrontado, ameaçado, irritado, culpado, transformando assim, a vivência de impossibilidades, a vivência de impotência, em incapacidade, vitimando-se e conseqüentemente enchendo-se de complexos e não-aceitações. Essa vivência de incapacidade é o que ocorre quando a impotência não é aceita. Frequentemente confunde-se

incapacidade com impotência. Em contextos mais específicos, falar de impotência é falar de determinado fracasso: a impossibilidade sexual.

Vivenciando a impotência temos os pés no chão, estamos inteiros no aqui e agora da situação apesar de imobilizados, impotentes. Não aceitando a impotência, perdemos o presente, fugimos para um futuro/passado, dividindo-nos entre desejo e medo, tampando a impotência com culpa, raiva, apreensão. Não nos imobilizando, movimentamo-nos por meio de dispersões que terminam por esvaziar-nos.

É a vivência da impotência, da imobilidade, do impasse, que possibilita a mudança, a criação, enfim, o desenvolvimento da criatividade, do progresso científico, tecnológico e em termos individuais é o que possibilita a transcendência do limite, do impasse. Impotente diante da sobrevivência, o homem coletor-caçador desenvolveu os instrumentos. A faca de sílex foi uma maneira de resolver o impasse criado pela insuficiência, pela impossibilidade dos dedos, unhas e dentes abrirem as caças. Detendo-se no problema: "como abrir esta barriga de alce?" ele notou que faltava ponta nos dedos e as que sobravam dos dentes e unhas permitiam apenas furos descontínuos. Imobilizado no problema percebeu que a questão já não era a falta da ponta, mas sim o como dar continuidade aos furos, seja rasgando com uma pedra, um pedaço de pau... qualquer *insight*. Surgiram as facas. É interessante notar que nas mais diversas culturas pré-históricas as facas são essencialmente iguais, são estruturadas pelas mesmas relações, é a apreensão da globalidade, é o resultado da aceitação do impasse, da aceitação da impotência.

Aceitar a impotência é o caminho para aceitar a realidade, é a aceitação do limite. Essa aceitação, cria uma nova dinâmica: o limite é integrado, não é mais um obstáculo diante de si; passa a ser um referencial possibilitador, um contexto estruturante de novas relações. É mudança, continuidade dinâmica que impede o posicionamento adaptador. Posicionar-se é estabelecer pontos, ilhas de sobrevivência. O homem pré-histórico continuaria sobrevivendo, bastaria lascar a caça com os dentes, mas essa adaptação ao impasse, subdimensionaria sua possibilidade relacional, embora nunca o deixasse imobilizado, impotente diante de como abrir a caça. A vivência da impotência cria a imobilidade, mas é exatamente essa imobilidade, essa antítese à mobilidade reinante, que permite a superação das contradições, a superação do impasse.

Bem, neste momento podemos dizer que a melhor coisa para um ser

humano, enquanto dinâmica e desenvolvimento relacional, é a impotência. É ela que causa a desadaptação propiciadora de mudança. Não mudar é estabilizar-se, coisa impossível no cosmos, no mundo.

Se é tão boa a impotência, por que é tão ruim vivenciá-la? Só a vivenciamos como ruim quando não aceitamos estar impotentes. Aceitar a impotência é aceitar a realidade. Realidade é o que percebemos embora nem sempre percebamos o que existe. Os conceitos de realidade, existência e limite são muito próximos. A filosofia, em certo sentido a psicologia também, muito debateram essa questão. Pensemos que diante do real, do existente, do limite está sempre um indivíduo, o que transforma a questão em uma dinâmica relacional. O ser no mundo percebe o que está diante dele, é real, existe, podendo ou não ser vivenciado como limite. O dado imediato, a percepção da mesa, por exemplo, é real, existe. Percebendo essa percepção podemos dizer que a mesa limita um espaço, ou que ela é um limite para meus movimentos etc. Em nosso dia-a-dia não percebemos a lei da gravidade, tampouco vivenciamos o limite de não poder voar, embora eles sejam reais e existentes. Essa lei e essa impossibilidade não são pregnantes na vivência de realidade e existência. Santos Dumont dedicou-se a isso e projetou o avião; Ícaro colou asas em suas espáduas e ficou no chão, impotente diante da cera derretida.

Ciências, religiões, filosofias perceberam os limites humanos e tentaram neutralizá-los, transcendê-los, questioná-los. A história da humanidade, sua trajetória de pensamento, de perguntas e respostas, tem sido motivada pela constatação da impotência, ora aceita, ora negada. Quando as religiões criaram os mandamentos, quando a Igreja estabeleceu os sete pecados capitais, criaram antídotos para a não aceitação da impotência. Não matarás - um dos mandamentos - diz: aceita sua frustração, as injustiças que sofres etc. Criticar e punir a ira, a gula, a cobiça, a luxúria, a inveja, a preguiça e o orgulho é uma maneira de coibir excessos sonegadores da realidade, da existência. É uma maneira de estabelecer limites, de criar condições para que a impotência seja aceita a fim de mostrar o poder absoluto da divindade. Aceita-se a impotência terrena e vivi-se na insegurança e dúvida do merecimento pós-morte.

Enfim, é sempre uma perspectiva maior, um não posicionamento em necessidades circunstanciais que nos possibilita perceber e aceitar nossas impossibilidades.

A aceitação de impossibilidades ou vivência da impotência é o que nos humaniza. Aceitação é integração com o que ocorre. Não há hiatos, não há cogitação, não há avaliação. Aceita-se e pronto. Essa fusão é quase impossível, existe sempre o saber que se sabe, o perceber que se percebe, o ver que se viu. Essas reflexões, esses ecos impedem a integração, o fusionamento. Foi a percepção disso que criou nos yogues a ideia de pausa, de parar a mente para ouvir o silêncio, ver o não visto. Essa mesma ideia permite as postulações da física quântica. Se vivemos integrados, aceitamos o que vivenciamos, aceitamos o outro, aceitamos o mundo. Quando vivemos articulados, adaptados, encaixados, o mundo é um quebra-cabeças. Temos que acertar, temos que decifrar enígmias. Dividimos as coisas em certas e erradas, legais e ilegais, morais e imorais, bem e mal etc. Esses dualismos, geralmente maniqueístas, estabelecem linhas de fuga necessárias à sua compreensão. Surgem as ideologias, as regras, os preconceitos e, quando aceitamos, isso acontece por meio de outro critério, criando mais desintegração. Nesses contextos, vivenciar a impotência é sinônimo de falhar, de não conseguir. Não há aceitação da impotência, aceita-se o impasse e a impossibilidade por alguma outra variável interveniente, alheia ao dado. Quando a impotência é vivenciada como incapacidade, isso se transforma em justificativa para manutenção de problemas, para desumanização. Algumas situações desumanas são justificadas pela aceitação de regras, normas e padrões: "*era o meu trabalho, aceitei as ordens, tinha que torturar pessoas*". Aceitação recortada, desintegrada em X e integrada em Y, é sinônimo de desumanização, é justificativa para o medo, a ganância, a inveja, a carência, o desespero. Só existe aceitação quando ela é vivenciada no presente. Aceitação é a integração com o que ocorre e isso é responsável por imobilidade. O fato de aceitar a dificuldade do outro e por isso ajudá-lo, pode não ser resultante de aceitação, mas sim expressão de regras, dogmas e princípios obedecidos. Essa obediência a um princípio (situação X), quando aplicada ao que ocorre, explica a consciência aplacada do torturador, por exemplo.

A condição humana passa, oscila sempre no fio da impotência. Vale lembrar os desmoronamentos das ilusões de Sidarta, as vivências de impotência que contribuíram para que ele se transformasse em *Buddha* (*Buddhi* - conhecimento em sânscrito). O príncipe Sidarta vivia na realidade do palácio, seu mundo era aquele, seu limite percebido era uma porta. Um dia, ele resolve abrir a porta da cidade/palácio e sai. Vê um enterro e pessoas chorando, avista um velho pedindo esmola, ouve o

choro dos doentes. Quanto sofrimento, ele pensa! Para que viver?! Todos vamos morrer, doenças sempre existirão, riquezas poucos têm e mesmo isso não impede a morte e a doença. Imobilizado, impotente, siderado pelo percebido, *Buddha* transcende os impasses e começa a ensinar essa transcendência dos limites, do samsara (roda da vida) como maneira de não sofrer pelas ilusões estabelecidas. Novamente é a aceitação da impotência criando novas dimensões para o humano e a humanidade.

Depois de *Buddha* foram necessários mais alguns séculos para que a grande questão da impotência fosse recolocada dentro de seus estruturantes, de sua imanência. São as questões psicológicas. É a impotência diante do outro, é a impotência diante de si.

O outro é meu limite, tanto quanto meu estruturante relacional. O outro é o diferente de mim, pelo fato de não ser eu própria. A constatação de diferença pressupõe uma semelhança. Saber o que é parte nesse todo, se constitui em enigma. Queremos o diferente por desejarmos o igual. São as afinidades eletivas, como dizia Goethe. Buscamos o igual por desejarmos o diferente. Essas avaliações impedem integrações. Precisávamos não perceber o outro, ou não nos percebermos. Impotentes, imobilizados diante do outro, nos perceberíamos e ao outro por meio desse encontro gerador de impotência, de impasse. Essa antítese, a impotência, passaria a ser o contexto no qual eu e o outro existiríamos. Surgiria a disponibilidade propiciadora de integração com o que ocorre. É aceitação do outro como limite, não importando mais diferença ou semelhança, o outro está aí comigo. Esse limite esvaziador de significados é o estruturante relacional.

Em 1988, em meu livro "*Relacionamento Trajetória do Humano*", pág.34, eu escrevia:

"o que importa saber e descrever é a atitude estruturada diante do limite: a de impotência ou de onipotência, seja em termos de culpa, omissão (medo) ou metas, expectativas, ansiedades. Estruturando uma atitude de impotência, não negando o que percebemos (é até fácil), ficamos livres das injunções, cobranças, exigências, enfim dos limites e apoios familiares, sociais, circunstanciais. Estruturando atitude de onipotência, pelo faz de conta, da imagem, das metas, ficamos comprometidos, acrescentamos o limite, o apoio que nos desindividualiza, a nossa vida, dividimo-nos, sentimo-nos culpados, medrosos, inseguros; buscamos um outro que nos aceite, que nos dê o que não tivemos, o que precisávamos.

Surgem assim os grandes dramas e sonhos do relacionamento humano, do estar-no-mundo-com-o-outro e consigo mesmo, as frustrações profissionais, as realizações profissionais, as trocas de experiência de vida, a angústia, as fobias, os sintomas comprometedores e reveladores do aprisionamento".

A não aceitação da impotência frente ao outro cria esperanças, desejos, sonhos e temores. A não aceitação da impotência diante de si mesmo nada mais é que o processo de não aceitação, caracterizado por medo, revolta, frustrações, culpas e vivências de ser injustiçado. Não aceitar a impotência, a incapacidade de remover problemas que nos afligem, é se sentir vítima, é se sentir abandonado pelos próximos, pelos relativos-familiares, e pelo absoluto-Deus.

Estar sozinho é a grande impotência humana que, quando aceita, possibilita grandes mudanças, inúmeros relacionamentos e que, quando não aceita, cria os desamparados, as vítimas, os revoltados.

A impotência humana é intrínseca à sua própria condição: estar em um mundo submetido à lei da gravidade, conviver, adaptar-se aos radicais livres e não ter asas ou ter uma espinha dorsal. A condição orgânica, neste mundo físico, nos obriga a não esquecer, a aceitar nossos limites e quando não aceitamos, nos preparamos para as vivências de revolta, medo e cólera, por exemplo. Aceitar a nossa limitação é o que nos dinamiza e amplia nossos referenciais por integração dos limites, quebra dos obstáculos. Quando os médicos integram o limite de não conseguir saber o que havia no organismo (dentro do corpo) surgiram os estudos anatômicos, mais tarde o raio X, a ultrasonografia, a tomografia etc.

Adaptados às insuficiências, vivenciamos a impotência como incapacidade, ficamos oprimidos pelos limites, sem integrá-los. A hipocondria, o medo da doença é um exemplo do anteriormente afirmado. Nosso corpo, em certo sentido, é o outro, o estranho. Não sabemos o que está ocorrendo com nosso fígado, coração, próstata e seios. Desenvolvimentos anômalos podem estar acontecendo, sem indícios, sem sintomas. Viver querendo controlar essas possibilidades, estabelece a preocupação como maneira de acessar o desconhecido. Aceitar a impotência dentro deste universo estranho que é nosso corpo, permite que ele seja integrado e revelado. Conhecendo nossos limites, questionando nossos conflitos, "*não tampando o sol com a peneira*", abrindo-mão do fazer de conta alienante, percebendo que se o problema do outro me

atinge, o problema é meu, não esquecendo que o relacionamento depende sempre necessariamente de duas partes, neutralizamos o atrito, o estresse do estar-no-mundo com necessidades e possibilidades. Resolver contradições desaliena, individualiza, humaniza, impede a fragmentação psicológica.

A doença é um grande limite, é uma situação desencadeadora de impotência. Aceitar a doença nos torna disponíveis para cuidar dela, minorá-la, erradicá-la, neutralizar suas multiplicações limitadoras. A falta de dinheiro, por exemplo, a pobreza, também é limitadora, gera impotência que quando aceita, possibilita mudanças vivenciais.

Às vezes somos impotentes diante dos fatos, circunstâncias e realidades, mas sempre temos condições, possibilidades para lidar com elas. Essa é a grande lição que aprendemos. As impossibilidades sempre são possibilidades, o importante é não se pontualizar, não se ilhar no “não posso”, “não consigo”. Não posso, não consigo, mas posso não poder, posso não conseguir. Criando essa possibilidade, aceitando a impotência, o movimento retorna, a imobilidade acaba.